

**Fátima Pereira & Rita de Cássia Frangella**

Centro de Investigação e Intervenção Educativas – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto  
fpereira@fpcc.up.pt

**Discursos curriculares em análise no cruzamento de diferentes esferas de produção: infância e trabalho docente em foco**

Este trabalho assenta no entendimento do currículo como produção discursiva, como enunciações da cultura, que elaborado em meio a diálogos e negociações, pode ser entendido como campo de construção de linguagem. Como Ball (1992) nos incita a pensar, a produção curricular se dá em diferentes esferas de produção que se entrecruzam e negociam os sentidos de uma dada política curricular, nesse processo, fabricando-se de forma contingente currículos e identidades. Assim, a partir do debate acerca de concepções sobre a produção discursiva e seu impacto na construção identitária articulada nas produções curriculares, analisamos documentos curriculares do Brasil e de Portugal, investigando neles os enfrentamentos e negociações que revelam na produção do currículo, os discursos produzidos/articulados em torno das concepções de infância e de trabalho docente. Como essas concepções se articulam nos discursos dos professores e se espriam no contexto escolar, trazendo novos mandatos ao trabalho docente? Analisar a produção do currículo entendendo-o como enunciação é considerar que os sujeitos e os significados das práticas são elaborados na medida em que são mencionados, posicionados e representados discursivamente. Assim, a questão que nos move é: Como os professores se posicionam a partir das suas significações, que currículo se constrói no diálogo, na elaboração de significação de diretrizes gerais – documentos curriculares oficiais – e na apropriação e construção do currículo de uma dada unidade escolar? Para tanto, cotejamos as concepções sobre a infância e as suas implicações nos discursos dos professores sobre o trabalho docente no currículo da formação inicial de professores do 1º CEB (primeiros quatro anos de escolaridade) em Portugal e na proposta curricular de uma rede pública de ensino (Multieducação/RJ) no Brasil. Visamos, a partir das histórias vividas/observadas, problematizar a questão docente no cotidiano das escolas, onde se hibridizam práticas e sujeitos, o que implica pensar no caráter dinâmico das políticas curriculares, onde não há “nem um nem outro”, mas um espaço dialógico de desarticulação/articulação, onde as negociações enfrentadas são processos produtivos de produção curricular.

**Fátima Antunes; Marival Coan & Renilton Cruz**

Universidade do Minho – Instituto de Educação  
fantunes@ie.uminho.pt

**Trabalho e educação em Portugal e no Brasil: estudos exploratórios**

Algumas das mais importantes mudanças em curso no campo da educação ligam-se à atribuição de uma centralidade acrescida à educação/formação, enquanto locus de constituição do capital humano e do capital social, considerados determinantes no quadro de sociedades e economias do conhecimento (cf. Laval & Weber, 2002; Robertson, 2005; Dale, 2005; Méhaut, 2004) e à indicação frequente do lugar estratégico que assume a formação dos trabalhadores nas políticas, práticas e debates em torno das competências e da aprendizagem ao longo da vida. Neste texto, apresentam-se três estudos em curso nos dois lados do Atlântico que exploram ângulos e contextos específicos da constituição da relação trabalho-educação. Assim, um estudo sobre formações baseadas em competências em Portugal investiga se, e de que modos, essa refundação curricular de ciclos de estudos e de formações contém implicações para a construção dos ofícios de professor e de aluno (Perrenoud, 1995). Um segundo estudo, realizado na Amazônia brasileira, analisa a formação do trabalhador na família camponesa e na escola rural, atentando às implicações que essas ações pedagógicas trazem para o desenvolvimento local. A terceira investigação procura compreender as implicações epistemológicas, políticas e práticas da adoção do ensino do empreendedorismo na educação formal. Transversal aos estudos

encontra-se a questão sobre que concepções para a educação dos trabalhadores estão a ser construídas no quadro de uma agenda educativa que busca responder a preocupações de competitividade e coesão social. Os resultados iniciais sugerem que: Em Portugal, o movimento das competências tende a associar-se à vocacionalização do insucesso, à desvalorização da educação profissional e à secundarização do trabalho; nesse sentido, discute-se o risco de virmos a testemunhar uma dualização dos sistemas de educação e formação em torno da distribuição dos saberes sociais. Na Amazônia o mundo do trabalho com valor na escola rural é o urbano, pois o trabalho no campo não dá suporte à sua ação educativa. Docentes, pais/mães e estudantes parecem convencidos de que a formação do trabalhador realizada na escola de ensino médio deve favorecer um ingresso no mercado de trabalho urbano. No que diz respeito à educação para o empreendedorismo em curso em Portugal e Brasil, a mesma atribui papel central à educação, especialmente quanto à formação das novas gerações com o desenvolvimento de ações nos diversos níveis e modalidades de ensino com reforço de um exacerbado individualismo competitivo e pretensa conciliação entre competição e coesão social. Sinalizamos a relação trabalho-educação em projectos de educação comprometidos com a cidadania plena e a emancipação humana.

**Felishela Martins**

Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto  
felishela.martins@tvitel.pt

**Currículo nacional do ensino básico: representações dos autores das orientações curriculares de Geografia**

Na transição para o Século XXI, Portugal viu acontecer, no campo da educação, mudanças curriculares que foram fruto de um trabalho desenvolvido pelo Ministério da Educação junto da comunidade educativa e que envolveu um processo de reflexão participada do currículo. Este trabalho fez emergir novas formas de conceber o currículo e, do ponto de vista do discurso legal, atribuiu novos mandatos às escolas e aos professores.

Desde então a Reorganização Curricular do Ensino Básico estabeleceu um Currículo Nacional para este nível de ensino, que se organiza em torno de competências gerais, identificando para cada área disciplinar competências específicas e apresentando sugestões para as desenvolver, em torno de experiências educativas a serem proporcionadas aos alunos.

Decorrente destas mudanças, no Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foram feitas interpretações dos documentos oficiais, e foram produzidos documentos amplamente divulgados junto dos Orientadores de Estágio e dos estudantes, futuros professores.

Tendo como problemática central o Currículo Nacional do Ensino Básico, para analisá-lo, desde a sua concepção e do prescrito até à configuração do vivido, apoiamo-nos, enquanto processo estruturante do caminho metodológico a percorrer, na abordagem do ciclo de políticas de Ball (1992,1997,1998), ao nível dos contextos de influência, de produção de texto e das práticas.

Nesta comunicação pretendemos dar conta como o Currículo Nacional e as Orientações Curriculares de Geografia tomaram forma, em que contexto surgiram, as influências que sofreram, os princípios educativos e curriculares que seguem, e como ocorreu o processo de construção dos discursos políticos e curriculares. Ou seja, pretendemos identificar o contexto de influência que conduziu à produção destes textos.

Conforme expressa Mainardes (2006:52), “o contexto de influência tem uma relação simbiótica, porém não evidente ou simples, com o segundo contexto, o contexto de produção”. A este nível, recorremos à voz aos autores das Orientações Curriculares de Geografia que foram intervenientes na configuração do currículo e que, pelo papel que desempenharam e pelas responsabilidades que tiveram, têm um conhecimento profundo sobre esta situação, que é importante fazer emergir. Pensamos assim, de um modo geral, estar a contribuir para a produção de conhecimento sobre como o Currículo prescrito a nível nacional tomou forma.